

OS MALEFÍCIOS DA AUTOMEDICAÇÃO NA TERCEIRA IDADE

The maladies of Self-Medication in the elderly

Janielen Aparecida da Silva Negrão¹

1. Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal, Faculdade de Odontologia – Campo Grande/MS, Brasil

E-mail: janielen.negrao@gmail.com

RESUMO - O envelhecimento da população vem ocorrendo de forma acentuada nos países em desenvolvimento, como repercussão do aumento da expectativa de vida, da redução da fecundidade e da mortalidade infantil, com isso credita-se que em 2020 a população idosa corresponderá cerca de 13% da população total. **Metodologia:** Trata-se de um levantamento bibliográfico para avaliar os malefícios da automedicação no grupo da terceira idade. Foi realizado um levantamento bibliográfico de periódicos online no período de 1998 a 2017, no Google Acadêmico, *Scielo* e Revistas Brasileiras/Internacionais, foram selecionados 87 artigos, após leitura foram selecionados 29 e a partir de métodos de abordagem dedutiva, houve compilação de todas as informações. **Resultado:** A terceira idade é o grupo mais medicado na sociedade, com uma média de 2 a 5 medicamentos prescritos simultaneamente, devido ao comprometimento de mais de um órgão ou sistema. **Conclusão:** Sabendo que a automedicação envolve cultura e que será dificilmente abandonada, o caminho mais viável é se atentar para os seus aspectos positivos e procurar maximizá-los, portanto, todos os países, isento do seu grau de desenvolvimento, devem filiar meios que garantam o uso racional dos medicamentos, sendo o farmacêutico o profissional indispensável para atender às necessidades dos indivíduos e da sociedade.

Palavras-chave:

Automedicação; Idosos;
Riscos; Benefícios; Conceito..

ABSTRACT - Population aging has been occurring in developing countries as a consequence of increased life expectancy, reduced fertility and child mortality, with the result that by 2020 the elderly population will account for around 13% of the population. **Methodology:** This is a bibliographic survey to evaluate the maladies of self-medication in the elderly group. A bibliographic survey of online journals from 1998 to 2017 was carried out in Google Scholar, Scielo and Brazilian / International Magazines, 87 articles were selected, 29 were selected after reading and from a deductive approach, all of them were compiled information. **Result:** The third age group is the most medicated group in society, with an average of 2 to 5 drugs prescribed simultaneously, due to the involvement of more than one organ or system. **Conclusion:** Knowing that self-medication involves culture and will hardly be abandoned, the most viable path is to look at its positive aspects and seek to maximize them, so that all countries, free from their degree of development, must join means to guarantee the use rational use of medicines, the pharmacist being the professional indispensable to attend to the needs of individuals and society.

Keywords:

self-medication; seniors;
scratches; benefices; concepts.

INTRODUÇÃO

O índice da população com idade avançada dos países desenvolvidos está aumentando, devido ao fato da expectativa de vida ter melhorado, sendo este um reflexo dos avanços médicos, e das ações de saúde. Porém esse novo cenário etário é preocupante, devido aos cuidados especiais que essa população demanda.

Devido ao fato de sentirem muitas algias e possuírem muitas doenças crônicas, os idosos fazem o uso de muitos medicamentos, e vários deles sem prescrição médica, principalmente os analgésicos, o que tem sido bastante preocupante, devido os malefícios que as interações medicamentosas podem causar, especialmente porque esta é uma faixa etária onde acontecem muitas alterações a nível fisiológico, levando uma farmacocinética diferenciada e maior sensibilidade aos efeitos terapêuticos e a reações adversas das drogas.

Os Idosos fazem uso dos medicamentos, acreditando que os mesmos possam trazer a cura de sua doença, ou fazer com que a dor que estejam sentindo se atenuie, porém, esses medicamentos são ingeridos sem passar por nenhuma avaliação médica, como um processo de autocuidado, deixando evidente que são leigos sobre as possíveis moléstias que os usos iatrogênicos de medicamentos podem acarretar. Baseando neste ponto, vê-se que as pessoas idosas carecem de mais informações, porque ao colmatar essa brecha é possível evitar muitos eventos nocivos que essas pessoas estão sujeitas.

MATERIAIS E MÉTODOS

O modelo de pesquisa adotado para a construção deste trabalho é uma revisão bibliográfica, onde primeiramente foi efetuado uma busca geral por publicações que vinham a falar a automedicação em idoso. Os trabalhos utilizados são periódicos online publicados no Google Acadêmico, Scielo e Revistas Brasileiras e Internacionais. Na pesquisa por bibliografias foram utilizados, em várias combinações, os seguintes termos de pesquisa (palavras-chaves e delimitadores): “automedicação” “idoso” “uso racional” e “medicamentos”.

Os artigos foram separados em 3 grupos. 1) Conceito; 2) Vantagens e desvantagens da automedicação; 3) O papel do farmacêutico na prevenção da automedicação.

RESULTADO DE DISCUSSÃO

Conceito de Automedicação

Um acontecimento bastante polemizado e preocupante na cultura médico-farmacêutica, é a automedicação. Esta é uma execução comum, lavrada por civilizações de todos os tempos, com atributos peculiares a cada época e a cada região [1] fato este que reveste de grande preocupação pois a automedicação é

um fenômeno nefasto à saúde individual e coletiva, pois nenhum medicamento é inócuo ao organismo [2].

Para a minimização dos riscos, é importante que se priorize o uso racional dos medicamentos. Segundo a Organização Mundial da Saúde, uso racional de medicamentos é definido, como a situação em que “O paciente recebe o medicamento apropriado a sua necessidade clínica, na dose e posologia corretas, por período adequado e ao menor custo para si e para a comunidade [3]

Para entender o contexto da automedicação e seu valor para a sociedade, faz-se oportuno retroceder na história, a fim de conceber alguns fatores que determinam à dicotomia do efeito benéfico e maléfico desta prática terapêutica. Na antiguidade, as técnicas manuseadas para debelar os males do corpo eram baseadas no misticismo, por meio de exorcismo e do uso de amuletos, e na utilização de drogas de origem vegetal e animal como terapia, com isso, fica visto, que a automedicação é uma cultura que atravessou décadas, e não será tão simples remove-la dos costumes atuais [4]

A Organização Mundial da Saúde e a Federação Internacional dos Farmacêuticos, apontam a automedicação como a ação pela qual os indivíduos elegem e usam medicamentos para tratar sintomas ou pequenos problemas de saúde assim reconhecidos pelos mesmos. A automedicação feita de forma certa pode trazer benefícios para a saúde e de acordo com a OMS sendo a mesma entendida como parte das ações de autocuidado [5].

O autocuidado é uma somatória de condutas realizadas pelas pessoas sobre si mesmas para estabelecer e manter a saúde, prevenir e lidar com as doenças. É um conceito extenso, que abarca: higiene geral e pessoal; nutrição: tipo e qualidade do alimento ingerido, estilo de vida se tratando da realização de atividade física, lazer, etc.; fatores ambientais como condições de vida, hábitos sociais, etc.; fatores socioeconômicos (nível de renda, crenças culturais, etc.) e; automedicação [6].

A automedicação engloba as diversas formas pelas quais o indivíduo faz o uso de medicamento para o alívio de sintomas e na busca da cura, compartilhando remédios com outros membros da família ou do círculo social, utilizando sobras de prescrições ou descumprindo a prescrição profissional, prolongando ou interrompendo precocemente a dosagem e o período indicados na receita [7].

As evidências mostram que a automedicação é a forma mais comum de lidar com as respostas sintomatológicas, no Brasil, pelo menos 35% dos medicamentos são adquiridos por meio deste método, esses números se remetem principalmente a facilidade de acesso a medicamentos em farmácias e supermercados o que causam a impressão de que são produtos inertes de riscos [8].

Em um estudo realizado por Vilarino et al. (1998) [2] onde entrevistou 413 indivíduos, 289 relataram que fizeram uso de algum medicamento no último mês, isso corresponde a 69,9% dos pacientes entrevistados. Desses, pelo menos 220 se automedicaram pelo menos uma vez o que correspondem a 76,1%, e apenas 69 estavam orientados por receita médica atualizada todas as vezes que se medicaram (23,9%), o que corrobora a afirmativa que a grande maioria da população faz o uso indiscriminado de medicações.

O uso incorreto de substâncias e até mesmo drogas consideradas pela população como “banais” como os analgésicos, podem promover uma diversidade de implicações como resistência bacteriana, reações de hipersensibilidade, dependência, sangramento digestivo, sintomas de retirada e ainda aumentar o risco para determinadas neoplasias. Além do que, o alívio temporário dos sintomas encobre a doença de base que passa despercebida e pode, assim, progredir para grandes moléstias [2].

O setor privado é um dos grandes responsáveis pelo fornecimento de medicamentos à população brasileira e a comercialização de medicamentos nas farmácias, que em geral, estão nas mãos de leigos, proprietários e balconistas, sem a presença de um profissional Farmacêutico. Fator que demanda uma imensa preocupação, pois estas pessoas não estão preparadas para prestar os cuidados necessários aos pacientes, levando a grande chance de exacerbação de perturbações de saúde [9].

Nos países desenvolvidos, a quantidade de medicamentos de venda livre tem se expandido, assim como a disponibilidade desses medicamentos em estabelecimentos não farmacêuticos, o que favorece a automedicação, uma vez que não há nada que impeça a sua aquisição. No entanto, nesses países, os rigorosos controles estabelecidos pelas agências reguladoras e o crescente envolvimento dos farmacêuticos com a orientação dos usuários, tornam menos preocupante a prática da automedicação [10].

Medicamentos de venda livre são aqueles cuja compra não está sujeita à necessidade de prescrição médica, sendo um procedimento pontuado pela iniciativa de um doente, ou de seu responsável, em obter ou produzir e utilizar um produto que crê que lhe trará benefícios no tratamento de doenças ou alívio de sintomas [3].

De acordo com a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA), em torno de 80 milhões de pessoas no Brasil, são adeptas da automedicação, a má qualidade da oferta de medicamentos, o não-cumprimento da obrigatoriedade da apresentação da receita médica e a falta de informação e instrução da população em geral pondera a inquietude com a prática da automedicação [2].

No entanto, existem vantagens na automedicação, como exemplo, a de exercer uma função complementar aos sistemas de saúde, principalmente nos países pobres, onde evita as imensas filas e o insustentável número de consultas médicas [11].

Alguns autores citam que a automedicação pode ser realizada de forma responsável e benéfica quando é selecionada uma alternativa terapêutica (isenta de prescrição) com o auxílio e orientação de um farmacêutico para um problema de saúde autolimitado. Desse modo, a automedicação é adequada para o problema de saúde do paciente, na dose, concentração e tempo de tratamento adequado [10].

No Brasil, pesquisas de base populacional sobre a prevalência e os fatores associados à automedicação são incomuns, o que dificulta aos especialistas propor intervenções [1].

A literatura sugere que há uma associação positiva entre automedicação, idade e escolaridade. Indicando que a prática é efetuada prioritariamente por mulheres, entre 16 e 45 anos e entre os homens de idades extremas, aos quais relatam ser orientados por pessoas leigas [1,2].

Leão, Moura e Medeiros (2014) [12], observou em seu estudo que os idosos com menor grau de escolaridade e os desfavorecidos socioeconomicamente praticavam a automedicação com maior frequência. Isso pode ser explicado pela dificuldade de acesso aos serviços de saúde e pela pior conscientização sobre os riscos que essa prática pode causar. Citou também que os idosos se caracterizam como pessoas com diversos problemas de saúde crônicos e agudos, devido as condições que o envelhecimento promove, e que utilizam medicamentos afim de obterem uma melhor qualidade de vida.

Fatores potencializadores da Automedicação

A sociedade vigente vê os medicamentos como a resolução de todas as sintomatologias. Com a globalização é possível ter acesso a uma enorme quantidade de informação, que permite o conhecimento e a compra de diversos produtos farmacêuticos, na qual a comercialização dos mesmos, corresponde exclusivamente com os desejos da sociedade, que é o alívio dos sintomas [13].

A maioria das situações de automedicação ocorre porque o indivíduo já possui uma experiência anterior com o medicamento, segundo Vilarino et al. (1998) [2] esse fator, liderou as motivações do seu grupo de pesquisa correspondendo acerca de 35,9%, das queixas, seguida pela indicação de terceiros (15,3%), (Tabela 1).

Tabela 1: Fatores que levam a automedicação

| Motivos | Quantidade de pessoas | Porcentagem |
|--|-----------------------|-------------|
| Já tinha experiência com o medicamento | 134 | 35.9% |
| Foi indicado por alguém | 57 | 15.3% |
| Todos usam o medicamento | 50 | 13.4% |
| Considerou o que sentia insignificante | 36 | 9,6% |
| O medicamento estava ao alcance imediato | 27 | 7.2% |
| Prefere ir a farmácia diretamente | 23 | 6.2% |
| Falta de dinheiro para ir ao médico | 16 | 4.3% |
| Outros | 16 | 4.3% |
| Por influência da mídia | 10 | 2.7% |
| Por crenças religiosas | 3 | 0.8% |
| Insatisfação com o atendimento com a saúde pública | 1 | 0.3% |
| Total | 373 | 100% |

Fonte: Vilarino et al. (1998, p. 96) [2]

Giachelin (2006) [14] firmou que é comum os pacientes seguirem orientações de proprietários ou balconistas de farmácias, familiares, amigos e outros indivíduos considerados leigos no assunto, ou usar medicamentos utilizados no passado para decidir qual o fármaco será ingerido para sanar determinado problema, confirmando assim os dados contidos na tabela.

Naves et al. (2010) [9], relatou em seu estudo que a má qualidade e a demora no atendimento no sistema de saúde, com longo tempo de espera e filas, motiva a automedicação, corroborando os estudos de Vilarino et al. (1998) [2] demonstrado na tabela a cima, ao passo que as farmácias oferecem a facilidade e rapidez de acesso. A farmácia, então, atende a expectativa de obtenção de medicamentos de maneira rápida, satisfazendo a necessidade imediata do usuário, já que busca para a palição dos sintomas que incomodam e trazem sofrimento aos seus portadores, requer alívio instantâneo (SOUSA; ANDRADE, 2017).

Paim et al. (2016) [15], confirmou a afirmativa de Vilarino et al. (1998) [2] quando afirmou que alto custo das consultas médicas particulares somando com a falta de dinheiro, seria mais um fator desencadeante da automedicação.

Beckhauser et al. (2010) [10] disse que o fator que mais motivou a automedicação foi a praticidade. Cascaes, Falchetti e Galato (2008) [3] também relatou em seu estudo que os Idoso quando questionado sobre o motivo que os levam a se automedicarem, referiram à praticidade como fator motivador em 45,3% dos casos e o fato de serem sintomas de problemas simples em 33,6% das vezes.

Os Anúncios publicitários, tem potencializados a automedicação. Como a comercialização de medicamentos é um mercado muito lucrativo, a publicidade está muito difundida e é muito eficaz em persuadir a pessoa a ingerirem determinada medicação, pois, geralmente salientam que os medicamentos irão aliviar os incômodos, como a obstipação, a dor e a insônia. Porém, não alertam que se estes produtos (laxantes, analgésicos, hipnóticos, medicamentos para constipação e a gripe) se consumidos de formas inadequadas podem gerar os efeitos secundários possíveis de qualquer produto farmacêutico (6; 16).

A propagando exerce um papel importante na automedicação, a qual indica a procura do médico em caso de persistência dos sintomas, o que leva a uma sensação de comodidade e a impressão de que os medicamentos não irão lhes causar efeitos secundários [6].

Outro aspecto interessante relatado por um estudo, como sendo indutor da prática de automedicação, é a padronização atual de prescrições, o que faz com que a população adote critérios próprios para solucionar problemas de saúde de menor gravidade [10].

Com relação as sintomatologias, Aquino, Barros e Silva (2010) [11] apontou a dor como o motivo mais citado (30,5%), especialmente cefaleias, dores musculares e dismenorreia, seguido da prevenção de resfriados/suplementação alimentar, (12,7%) e resfriados (10,8%) para a prática da automedicação (Tabela 2).

Tabela 2: Sintomatologias que levam a automedicação

| Sintomas | N. de Pessoas | Porcentagem |
|-------------------------|---------------|-------------|
| Outros | 79 | 37.1% |
| Dor | 65 | 30.5% |
| Prevenção/suplementação | 27 | 12.7% |
| Resfriado | 23 | 10.8% |
| Febre | 10 | 4.7 |
| Problema com a garganta | 9 | 4.2% |
| Total | 213 | 100% |

Fonte: Aquino; Barros; Silva (2010, p. 236) [11]

A dor como visto na tabela anterior, é o segundo maior fator da automedicação, principalmente aquelas algias relacionadas a dores de cabeça. As pessoas apelam diretamente para os medicamentos analgésicos antes de tentarem outros métodos paliativos, assim disse Paim et al. (2016) [15] em seus estudos, afirmou também, que as inflamações, é um potente estimulador, principalmente nos idosos, por ser um sintoma frequente nesta faixa etária.

As pessoas de idade, enxergam as sintomatologias que estão relatadas na tabela 2 como comuns, e sem necessidade de tratamento médico, e como sabem pela publicidade, ou por experiências passadas que existem substâncias capazes de

aliviar o seu mal-estar físico ou psicológico, recorrer aos medicamentos de vendas livres parece-lhes, então, uma maneira eficaz, rápida e milagrosa de não sofrer mais [17].

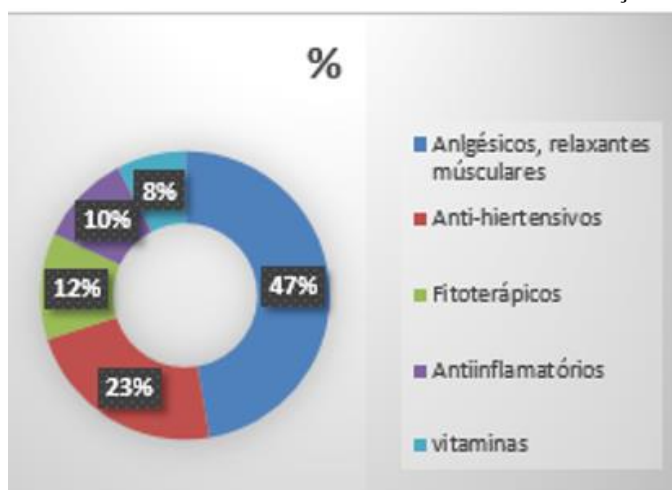
Riscos e Desvantagens da Automedicação

A automedicação é um fator que se reveste de grande preocupação, principalmente na terceira idade, uma vez que nessa fase da vida as pessoas estão mais agarradas aos costumes da nossa sociedade, como o de usar extratos medicamentosos ou guardar medicamentos em casa, e por apresentarem com maior frequência problemas de saúde e maior susceptibilidade de desenvolver doenças crônicas [16]

Mesmo que a automedicação seja considerada com um evento de praxe do cotidiano, ela é muito mais ampla e complicada do que se pode prever. Por um lado, existe a problemática da indicação de medicamentos por atendentes de farmácia, os quais não estão aptos a este procedimento. Paralelamente a isso, há uma grande abundância de produtos farmacêuticos no mercado, o que por si só contribui para o aumento na utilização/procura desses produtos, e uma total falta de controle da automedicação por parte do sistema de saúde [17].

Em uma pesquisa instituída na cidade de Tubarão, Santa Catarina observou-se, grande número de problemas de saúde, principalmente aqueles relacionados ao sistema cardiovascular, nervoso, músculo esquelético e do trato alimentar e metabolismo, fatores os quais, acabaram levando ao aumento no número da automedicação (gráfico 1) [3].

Gráfico 1: Medicamentos mais utilizados na automedicação



Fonte: Santos et al., (2013 p. 98)

Giachelin (2016) [14] disse que os medicamento mais utilizado na automedicação são os analgésicos, como demonstrado no gráfico 1, eles são usualmente empregados para a palição de sintomatologias dolorosas, como

enxaquecas, dores musculares, o que dão a sensação de melhorar a qualidade a vida. Porém o seu elevado consumo pode acarretar outras complicações, como por exemplo, problemas gastrointestinais [19].

Santos et al. (2013) [19], relatou que os anti-hipertensivos ocupam a segunda categoria de fármacos consumidos por automedicação. O que desencadeia uma enorme preocupação, mesmo que tenham sido prescritos anteriormente, pois a hipertensão arterial sistêmica se configura uma doença crônica com agravos consideráveis e a utilização de medicamentos para o seu manejo necessita demanda acompanhamento frequente. Este se não monitorado causa o acidente vascular cerebral (AVC), que se configura o principal fator de mortalidade da terceira idade (Gráfico 1).

Neste contexto se encaixa também os medicamentos caseiros, Cascaes; Falchetti e Galato (2008) [3] relata que 56% dos idoso fazem uso de chás concomitantemente, os considerando como remédios, entretanto a maioria dessas plantas medicinais são desprovidas de qualquer de fundamentação científica, as quais geralmente fazem parte do folclore e da cultura brasileira, o grande problema é que a identificação e o preparo é realizado por leigos, fato o qual, pode levar a alterações nas suas propriedades.

Diversos elementos, têm se somado a tendência das pessoas de se automedicarem, sendo a população idosa a vítima mais frequente deste ato, o que tem levado a cometerem erros graves em relação a terapêutica, tendo em vista que eles usam e abusam as drogas para qualquer moléstia, desconhecendo muitas vezes que tipo de medicamentos estão ingerindo, devido aos condicionalismos que estão sujeitos, tais como: a presença de stock em casa, letras pequenas nos folhetos informativos, a grande semelhança nas formas físicas dos diversos fármacos, entre outros, com isso correm grandes riscos, uma vez que todos os fármacos são capazes de gerir efeitos no organismo [20, 16].

A automedicação apresenta inúmeras desvantagens: como autodiagnóstico incorreto, escolha incorreta da terapêutica, incapacidade de reconhecer interações medicamentosas e precauções, esconder ou mascarar doenças graves levando assim a um diagnóstico tardio, dosagem inadequada e uso excessivamente prolongado de drogas, alergias [4, 20, 21]

Além do que, os casos mais usuais de dependência estão concernentes com o uso de tranquilizante e de anfetaminas, que são as substâncias existentes em moderadores de apetites [13].

Barbosa e Boechat (2015) [20] observou em seu estudo que a maior parte dos perguntados, isso é dezoito pacientes, afirmaram ter conhecimento das indicações terapêuticas dos medicamentos que utilizam, no entanto, expressavam palavras de cunho leigo ou apenas de ordem médica, e não sabiam corretamente a quantidade de medicação que seria ingerida, o

que chama a atenção para o risco de supra ou submedicação. Essa mesma quantidade de pacientes, afirmaram não possuem conhecimento dos efeitos colaterais das drogas que consomem e 100% dos entrevistados desconhecem as reações adversas e as interações entre os medicamentos. O que na prática, é uma inquirição bastante heterogênea, pois além das inúmeras possibilidades de interferência entre as drogas, devem-se avaliar outros fatores relacionados aos indivíduos, entre eles as alterações fisiológicas da idade.

Na maioria das vezes, os idosos possuem grande dificuldade de memorizar a forma que deve fazer a ingestão de medicamentos (posologia), devido a problemas relacionados à visão, dificuldade de gravar a hora em que o medicamento deve ser tomado, entre outras dificuldades [22]. Um estudo demonstrou que 59% dos idosos com doenças crônicas cometiam erros na utilização das prescrições [10].

Santello et al.(2013) [13], entrevistou 122 idosos e ao se questionar a observação e cumprimento das orientações da bula, 62,29% dos entrevistados afirmaram seguir as indicações, posologias e tempos de tratamento previstos na bula, e 37,71% não seguem nenhuma instrução contida na mesma, o que chama atenção para o risco da ingestão de medicamentos inapropriados para a situação que se encontram. Fato este, confirmado por Sousa e Andrade (2017) e Santos et al. (2013) que afirmaram que a principal desvantagem da automedicação é a ingestão de medicamentos errados.

A ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), relata que os medicamentos abrangem o primeiro lugar das causas intoxicações em seres humanos e o segundo lugar nas declarações de mortes por intoxicação. Estima-se que a cada 20 segundos, um enfermo dá entrada nos hospitais brasileiros com quadro de intoxicação incitado pelo improprio uso de medicamentos [22]. Isso significa que a maioria dos consumidores não tem discernimento suficiente para fazer algum diagnóstico, avaliar a severidade da doença e até mesmo nomear um medicamento entre os vários disponíveis no mercado, transformando o ato da automedicação bastante nocivo para o paciente que a coloca em prática [8].

O uso de medicamentos por conta própria pode camuflar uma doença, isso porque quando uma pessoa fica doente, ela passa a ter sintomas, como uma forma de alertar que possui alterações no sistema, e ao ingerir um medicamento, esses sintomas podem ser paleados e assim a doença poderá ser mascarada e evoluir com o tempo, principalmente quando se trata de doenças infectocontagiosas [13].

As alterações que são oriundas do envelhecimento causam transtornos nas propriedades farmacocinéticas e farmacodinâmicas dos medicamentos, já que a idade elevada vem acompanhada da diminuição da massa muscular, água corporal, metabolismo hepático e homeostático, com

comprometimento dos processos de filtração e excreção. Isto viabiliza a agregação de substâncias tóxicas no organismo e a produção de reações adversas e interações medicamentosas [22].

As reações adversas a medicamentos (RAM) é a maior desvantagem, especialmente nessa faixa etária, onde é comum a existência de uma multiplicidade de doença e a Polifarmácia, que é definida como o uso de 2 a 5 medicamentos crônicos, sendo assim a prática do autocuidado intensifica este acontecimento. O perigo do evento aumenta substancialmente em 13% com o uso de dois agentes, de 58% quando este número alonga para cinco, elevando-se para 82% quando se trata da ingestão de sete ou mais medicamentos [22].

Essa reação pode ser traduzida como a resposta a um medicamento que seja prejudicial, não intencional e que ocorre em doses normalmente utilizadas no ser humano. Estima-se que o risco para RAM e de hospitalização decorrente seja, respectivamente sete e quatro vezes maior em idosos do que em jovens, se considerando um problema de saúde pública. A idade por si só não corresponde um fator de risco, mas é um importante indicador para comorbidade, pois neste grupo a farmacocinética alterada e a polifarmácia são as variáveis mais diretamente associadas as RAMs. [22, 23].

As Interações Medicamentosas (IM) ocorre quando um medicamento influencia a ação de outro. A gravidade, prevalência e possíveis conseqüências estão associados as clínicas dos indivíduos, número e características dos medicamentos. A maioria das IM manifestam grande magnitude podendo resultar em morte, hospitalização, injúria permanente do paciente ou insucesso terapêutico. Porém, há algumas IM que não causam danos aparente no idoso, contudo, o impacto é silencioso, tardio e, às vezes, irreversível [23].

Tabela 3: Interações medicamentosas mais encontradas

| |
|--------------------------------|
| Amoxicilina + ibuprofeno |
| Enalapril + hidroclorotiazida |
| Ibuprofeno + omeprazol |
| Hidroclorotiazida + ibuprofeno |
| Cefalexina + ibuprofeno |



Fonte: Leão; Moura; Medeiros (2014, p. 315)

A interação medicamentosa entre Amoxicilina e o Ibuprofeno como citada na tabela 3, pode ter uma gravidade bastante severa causando interferência nos níveis plasmáticos de ambos por competição em proteína de ligação e *clearance* renal. Enalapril e hidroclorotiazida irá causar hipotensão, ibuprofeno e omeprazol irá levar ao aumento do nível ou efeito do ibuprofeno por interferência do metabolismo hepático, porém a gravida é pouco severa. Hidroclorotiazida e ibuprofeno possui um nível de gravidade significativa, pois, irá causar alteração na concentração sérica de potássio, e por último, a cefalexina e o ibuprofeno que possuem pouca gravida, irá causar aumento do nível ou efeito do ibuprofeno por interferência no *clearance* renal [12].

Num estudo realizado em hospital público no Brasil mostrou que 61,8% dos idosos apresentaram pelo menos uma RAM, sendo que 15% foram relacionadas à IM potenciais. No cotidiano, as consequências desses eventos podem gerar tontura, sedação, hipotensão postural, quedas, confusão, que são frequentes em idosos e aparentemente menos drásticas, podem aumentar o perfil de morbimortalidade deste grupo etário [24].

Outra decorrência da automedicação é a existência de enzimas do citocromo P-450, que possui a eficiência de modificar o metabolismo de outros fármacos. Efeito o qual é otimizado de acordo com a progressão da idade. Doses muito altas podem levar a depressão respiratória ou coma [22].

O Papel do Farmacêutico na Automedicação

Diante dos expostos, torna-se essencial viabilizar a utilização racional dos medicamentos junto aos consumidores, para isso se faz necessário o desenvolvimento de um sistema eficiente de informação e de comunicação entre médico, farmacêutico e paciente, com o objetivo de aumentar os benefícios e reduzir a um mínimo aceitável os riscos inerentes à utilização dos medicamentos [24].

Sabendo que a automedicação envolve cultura e que será dificilmente abandonada, o caminho mais viável é se atentar para os seus aspectos positivos e procurar maximiza-los, portanto, todos os países, isento do seu grau de desenvolvimento, devem filiar meios que garantam o uso racional dos medicamentos, sendo o farmacêutico o profissional indispensável para atender às necessidades dos indivíduos e da sociedade. Esses profissionais são incumbidos de converter automedicação como fator inconsciente para um fator consciente e positivo [25].

O profissional farmacêutico deve ser visto como um agente da saúde, incumbido por fornecer orientações técnicas de confiança sobre medicamentos, baseado no amplo conhecimento dessa classe de profissionais [22]. A presença do farmacêutico tem impactos respeitáveis e positivas na adesão

ao tratamento e na minimização de erros quanto à administração dos medicamentos, já que esse profissional reafirma as orientações quanto ao uso suscitado pelos prescritores e avalia os aspectos farmacêuticos e farmacológicos que possam representar um dano em potencial para o idoso, e ainda permitem com sejam resolvidas pequenas ocorrências, que os causem sofrimento. [26].

O farmacêutico é visto como o profissional que tem como dever guiar, a forma mais conveniente para que o enfermo se sinta confortável com o tratamento, o que requer deste profissional conhecimento sobre as indicações e contraindicações, as interações medicamentosas dos fármacos [26].

Frente as regulamentações instituídas, o Farmacêutico emerge como agentes capazes de organização e executar as ações previstas nas diretrizes. Ao assumir o papel de profissional da saúde o Farmacêutico pode assegurar o uso correto de medicamentos e contribuir para o alcance satisfatório da farmacoterapia a partir da dispensação (REIS, 2013 p. 55) [27].

O farmacêutico deve encaminhar o paciente ao médico sempre que necessário, atuando com complementaridade, sendo assim a automedicação quando orientada por um farmacêutico é considerada como um ato responsável, o que leva os líderes em saúde no mundo considerarem a otimização da Atenção Primária a Saúde, com a máxima atuação dos farmacêuticos [25].

Mais recente, a FIP (International Pharmaceutical Federation) divulgou que o órgão criou um programa que visa a qualificação dos farmacêuticos que trabalham em farmácias comerciais, tendo como objetivo principal apurar as habilidade e conhecimento para detectar enfermidades. Anteriormente, as doenças que o farmacêutico prestará informações serão a Diabetes e a Hipertensão, desde que tenham realizados cursos de capacitação. Doenças as quais foram selecionados por serem consideradas as doenças mais comuns da população [24].

Essa demanda pelo aumento da atenção primária, possui o intuito de preservar as pessoas do adoecimento ou que aqueles já são portadores de uma doença agravem o estado de saúde. Além desses benefícios, está uma prática com menores custos, eficiente e rápida, e proporciona nivelamento a saúde dos países, reduzindo as discrepâncias presente entre aqueles que têm acesso e os que não têm nenhum acesso à saúde [28].

Com a ampliação da automedicação responsáveis, espera-se que principalmente para o idoso, contribua para a informação correta sobre o tratamento, assim a prática da automedicação e seus riscos associados podem ser evitados, impedindo-se, conseqüentemente, prejuízos à qualidade de vida do paciente, maximizando assim o efeito positivo dos medicamentos, outro ponto assertivo da indicação farmacêutica se diz respeito à possível redução consulta médica, a prescrição subsequente, se bem aplicada, ela pode contribuir para a diminuição as consultas, filas, tempo gastos nos deslocamentos aos centros de saúde e internações [25].

Os serviços de atenção primária resolveriam sem necessidade de encaminhamento para serviços de saúde mais caros ou sofisticados, pois disponibilizariam de forma rápida e eficiente informações sobre estados patológicos e/ou fisiológicos, tratamentos, medicação utilizada, higienização e alimentação [29].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Automedicação é uma cultura que atravessou gerações, onde acontece a ingestão de medicamentos por conta própria sem indicação por um profissional, ato este, induzido principalmente por experiências passadas, por indicação de alguém.

A automedicação, geralmente está relacionado à intenção do paciente em aliviar algum sintoma, principalmente a dor, o que torna os analgésicos e os relaxantes musculares os medicamentos mais consumidos.

Porém, o alívio dos sintomas após a automedicação nem sempre significa que houve um tratamento adequado. E muito menos que o problema foi resolvido, pois a prática pode estar mascarando problemas mais sérios, principalmente os problemas relacionados a doenças infectocontagiosas.

Sabendo que a automedicação envolve cultura e que será dificilmente abandonada, o caminho mais viável é se atentar para os seus aspectos positivos e procurar maximiza-los, portanto, todos os países, isento do seu grau de desenvolvimento, devem filiar meios que garantam o uso racional dos medicamentos, sendo o farmacêutico o profissional indispensável para atender às necessidades dos indivíduos e da sociedade.

Esses profissionais por estarem mais próximo da população, devem ser vistos como agentes de saúde e são incumbidos de tornarem a automedicação um fator consciente e positivo, mas para isso é necessário estarem aptos para identificação das doenças mais comuns e dos problemas que o uso errôneo de medicamentos traz.

REFERÊNCIAS

- 1.ARRAIS, Paulo Sérgio D. et al. Perfil da automedicação no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 31, n. 1, p. 71-77, 1997. Disponível em: <https://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S003489101997000100010&script=sci_arttext&tlng=> Acesso em: 13 abri. 2018.
- 2.VILARINO, Jorge. et al. Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. **Revista de saúde pública**, v. 32, n. 1, p. 43-49, 1998. Disponível em <<https://www.scielosp.org/pdf/rsp/1998.v32n1/43-49>> Acesso em: 12 abr. 2018.
- 3.CASCAES, Edézio Antunes; FALCHETTI, Maria Luiza; GALATO, Dayani. Perfil da automedicação em idosos participantes de grupos da terceira idade de uma cidade do sul do Brasil. **Arq Cat Med**, v. 37, n. 1, p. 63-39, 2008. Disponível em: < <http://www.acm.org.br/revista/pdf/artigos/537.pdf>> Acesso em: 05 abr. 2018.
4. SOUSA, Hudson Wo; SILVA, Jennyff L.; SANTOS NETO, Marcelino, A importância do profissional farmacêutico no combate à automedicação no Brasil. **Revista eletrônica de farmácia**, v. 5, n. 1, 2008 Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/REF/article/view/4616>> Acesso em: 05 abr. 2018.
- 5.ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; 2005. Disponível em: <http://dms.ufpel.edu.br/ares/bitstream/handle/123456789/232/5%20%202005%20%20envelhecimento_ativo.pdf?sequence=1> Acesso em: 17 abr. 2018.
- 6.MACEDO, Giani Rambaldi et al. O poder do marketing no consumo excessivo de medicamentos no Brasil. **Revista Transformar**, v. 9, p. 114-128, 2016. Disponível: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/articloe/view/79/75> Acesso em: 05 abr. 2018.
- 7.PEREIRA, Francis et al. Automedicação em crianças e adolescentes. **Jornal de Pediatria**, v. 83, n. 5, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3997/399738149009/>> Acesso em: 02 abr. 2018.
- 8.SOUSA, Letícia Abreu; ANDRADE, Camila Filizzola. Automedicação entre universitários dos cursos de graduação na área da saúde na FCV-Sete Lagoas: Influência do conhecimento acadêmico. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 5, n. 1, 2017. Disponível em:

<<http://jornal.faculdadecienciasdavid.com.br/index.php/RBCV/article/view/115>> Acesso em: 13 abr. 2018

9.NAVES, Janeth de Oliveira Silva et al. Automedicação: **uma abordagem qualitativa de suas motivações**. 2010. Disponível em: <<http://recil.ulusofona.pt/handle/10437/5947>> Acesso em: 04 abr. 2018.

10.BECKHAUSER, Gabriela Colonetti et al. Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 28, n. 3, p. 262-268, 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/4060/406038934002.pdf>> Acesso em: 14 abri. 2018.

11.AQUINO, Daniela Silva; BARROS, José Augusto Cabral; SILVA, Maria Dolores Paes. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 5, p. 2533-2538, 2010. Disponível em <https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ss_m_path=/media/assets/csc/v15n5/v15n5a27.pdf> Acesso em: 17 abr. 2018.

12.LEÃO, Danyllo Fabio Lessa; MOURA, Cristiano Soares; MEDEIROS, Danielle Souto. Avaliação de interações medicamentosas potenciais em prescrições da atenção primária de Vitória da Conquista (BA), Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 1, p. 311-318, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/csc/2014.v19n1/311-318>> Acesso em: 04 abr. 2018.

13.SANTELLLO, Fabricia Helena et al. Perfil da automedicação em idosos no município de Barretos/São Paulo/Brasil. **Infarm Ciênc Farm**, v. 25, n. 1, p. 32-36, 2013. Disponível em: <<http://oaji.net/articles/2016/3425-1470060626.pdf>> Acesso em: 17 abr. 2018.

14.GIACHELIN, Thainá. A Prática da Automedicação: Fatores e Consequências. **Congresso de Pesquisa e Extensão da Faculdade da Serra Gaúcha**. 2016. p. 81-83. Disponível em: <<http://ojs.fsg.br/index.php/pesquisaextensao/article/view/2122>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

15.PAIM, Roberta Soldatelli Pagno et al. Automedicação: uma síntese das publicações nacionais. **Revista Contexto & Saúde**, v. 16, n. 30, p. 47-54, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/5456>> Acesso em: 24 abr. 2018.

16.LUZ, Deolino; LIMA, José; MONTEIRO, Leonel. **Automedicação no idoso**. 2013. Trabalho de Conclusão de

Curso. Disponível em: <<http://193.136.21.50/bitstream/10961/3252/1/Luz%2c%20Lima%20e%20Monteiro%202013.%20Automedica%C3%A7%C3%A3o%20no%20Idoso.pdf>> Acesso em: 05 abr. 2018.

17.LOYOLA, Antônio. et al. Estudo de base populacional sobre o consumo de medicamentos entre idosos: Projeto Bambuí A population-based study on use of medications by elderly Brazilians. **Cad. Saúde Pública**, v. 21, n. 2, p. 545-553, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X2005000200021&script=sci_abstract&tlng=pt> 12/14 em: 08 abr. 2018

18.LOPES, Wemíria de Fátima Lima et al. A prática da automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Teresina-PI. **Revista Interdisciplinar**, v. 7, n. 1, p. 17-24, 2014. Disponível em <<https://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/148>> Acesso em: 23 abr. 2018.

19.SANTOS, Thalyta Renata Araújo et al. Consumo de medicamentos por idosos, Goiânia, Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 47, n. 1, p. 94-103, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/rsp/2013.v47n1/94-103/pt>> Acesso em: 08 abr. 2018.

20.BARBOSA, Lidiane Borges; BOECHAT, Marcela Santana Bastos. Perfil da automedicação em estudantes do Município de Laranjal/MG. **Acta Biomédica Brasiliense**, v. 3, n. 1, p. 98-109, 2015. Disponível em: <http://www.actabiomedica.com.br/index.php/acta/article/view/40>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

21. SECOLI, Silvia Regina et al. Polifarmácia: interações e reações adversas no uso de medicamentos por idosos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 1, p. 136-140, 2010. Acesso em: <<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/3980>> Acesso em: 04 abr. 2018.

22.FERNANDES, Wendel Simões; CEMBRANELLI, Julio César. Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas. **Revista Univap**, v. 21, n. 37, p. 5-12, 2015. Disponível em <<https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/265>> Acesso em: 04 abr. 2018.

23. SILVA, Flávio Martinez; GOULART, Flávia Cristina; LAZARINI, Carlos Alberto. Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de Enfermagem. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v.

16, n. 3, p. 644-51, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/20850>> Acesso em: 23 abr. 2018

24.MARIA, Vasco. Automedicação, custos e saúde. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, v. 16, n. 1, p. 11-4, 2000. Disponível em: <<file:///C:/Users/Janielen/Downloads/9776-9694-1-PB.pdf>> Acesso em 20 abr. 2018.

25.BORTOLON, Pedro; MEDEIROS, Elias; NAVES, José Oliveira; KARNIKOWSKI, Márcio, G. D. O., NÓBREGA, Fernando. Análise do perfil de automedicação em mulheres idosas brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, 13, 1219-1226, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2008.v13n4/1219-1226/pt/>> Acesso em: 11 abr. 2018.

26.DOMINGUES, Sarah de Sousa. **Automedicação na freguesia de Soure**. 2014. Tese de Doutorado. Disponível em: <http://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/14525>>. Acesso em: 09 de mai. 2018.2013.

27.REIS, Tiago Marques dos. **Conhecimento e condutas dos farmacêuticos para a dispensação de medicamentos e a realização da atenção farmacêutica em drogarias**.

28.CHIAROT, Rodrigo.; REBELLO, Nathália Medeiros; RESTINI, Carolina Baraldi Araújo. A automedicação na cidade de Ribeirão Preto-SP e o papel do farmacêutico nessa prática. **Rev Eletr Centro Científico Conhecer-Enciclopédia Biosfera** [periódico na Internet], v. 10, n. 6, 2010. Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br/enciclop/2010b/a%20automedicacao.pdf>> Acesso em: 22 abr. 2018.

29.ARAÚJO, Amanda Luzia de. **Estudos brasileiros sobre automedicação: uma análise da literatura**. 2014. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/8734>> Acesso em: 09 mai. 2018.